Educação musical infantil - um relato acerca de desafios auto impostos

Comunicação

Rodrigo Vieira de Oliveira
Universidade Federal de Roraima
rodrigo_aquilles@hotmail.com

Resumo: Este relato tem como objetivo retratar a experiência primaria com a educação musical infantil, no qual tento mostrar um pouco das expectativas, desafios, bases e problemas encontrados durante minha atuação. Proponho algumas formas de pensar acerca da educação musical, da música no ensino infantil, dos métodos ativos e acerca do plano de aula. Este relato busca dar uma visão própria e direção acerca do mundo musical da criança, para aqueles que assim como eu sofriam com o distanciamento e a necessidade de adentrar nesse contexto.

Palavras chave: Musicalização infantil, Métodos ativos, Educação básica.

Introdução.

Estou no 6º semestre do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima (UFRR), na estruturação curricular do Curso é partir desta fase de estudos que se iniciam os Estágios Supervisionados, exponho aqui ideias acerca de minha atuação numa escola privada de ensino infantil no qual estou tendo o prazer de estagiar.

O relato a seguir, foi estruturado em três partes, na primeira parte contextualizo o meio em que me insiro e as demais variantes acerca do estágio. Na segunda parte, me atenho a temas básicos, porém essenciais para que sejam compreendidos os aspectos aqui abordados, temas como a música na rede básica, especialmente na educação infantil. Por último trago um relato de experiência de uma recente atuação no contexto aqui apresentado.

O curso onde faço minha graduação enfrenta algumas dificuldades, numa rasa tentativa de sintetização, citarei alguns desses problemas, o curso é novo, acaba de formar os primeiros alunos. O contexto estadual de Roraima no qual o Curso se insere é um pouco diferenciado em relação às demais capitais ou grandes centros. Falta, na cidade, uma cultura acerca do ensino de música, principalmente na educação básica. O reflexo disso se deu já no que diz respeito à prova

de admissão do Curso, onde não é cobrado teste de conhecimentos específicos. É comum que os alunos não saibam ao certo o que esperar, atribuo esta ocorrência ao fato de que, em sua grande maioria aqueles que buscam um Curso de Música para aprenderem a tocar um instrumento e, ao ingressar na Licenciatura em Música da UFRR os mesmos se deparam com o contexto de uma licenciatura, situação que para aqueles que buscam o tocar tende a ser desestimulante. Muitos acabam desistindo, ou após matriculados sequer vão às aulas, as listas de frequências são repletas de alunos "fantasmas", e o índice de desistência é altíssimo.

Outro agravante se dá pelo fato do curso contar com poucos professores, professores esses que acabam ficando, muitas vezes, sobrecarregados, ou acabam tendo que lecionar disciplinas que os mesmos não possuem aprofundamento, limitando-se a esperar por férias para poderem se dedicar a outras atribuições do cargo, como desenvolver e divulgar pesquisas. Nesse contexto, desenvolvo este relato de pesquisa sobre minha experiência na disciplina Estágio Supervisionado II.

A Escola no qual desenvolvo meu estágio, apesar de pequena, conta com uma estrutura física boa, comparando com outras escolas da região. É convidativa e acolhedora, conta com salas decoradas com cartazes e outros adereços que contribuem para o estimulo da criança. A Escola possui um parquinho e uma pequena quadra de areia para o lazer dos alunos, as salas contam com apoio material, tais como caixa de som, TV com entrada para pen drive, entre outras coisas. A professora de música da Escola (regente), realiza um trabalho de musicalização com as crianças de dois a três anos (ensino maternal), canto com os alunos na faixa etária de cinco anos e flauta doce com os anos iniciais (ensino fundamental do 1º ano ao 2º ano).

A música na educação básica.

Acerca de uma tentativa de elucidação sobre a música em um determinado contexto, considero deveras complexo tal ato, a linha entre ser incisivo demais e soar raso e genérico é bastante tênue. É bastante árduo o trabalho de identificar, através da leitura de textos científicos, a trajetória histórica, educativa e cultural que servem de base à reflexão e crítica que fundamentam a prática educativa, a manutenção e a melhoria da educação musical no contexto

da escola regular. Dada à complexidade desse contexto, prevemos uma grande variante acerca de propostas metodológicas, reflexões, críticas e problemas enfrentados, temos ainda uma grandeza em diversidade cultural e pluralidade, ou seja, as áreas e formas de atuação que englobam o cerne do professor de música é extensa, e requer o conhecimento não apenas específico.

Acerca das problemáticas encontradas, Queiroz e Marinho (2009, p. 71) nos dizem que "atuar na educação básica é um desafio para os profissionais da educação, pois a conjuntura político-social-cultural que caracteriza esse universo educativo estabelece, em seu contexto, inúmeras barreiras e limites." Quanto ao papel dos futuros ou já profissionais da educação, cabe "assumir a nossa responsabilidade e encarar o compromisso de contribuir para um ensino de música consistente, que atenda às necessidades e os anseios do mundo contemporâneo e da escola na atualidade" (idem, p. 73).

Enquanto educadores, é essencial a autocrítica, a crítica para com o sistema de educação e a reflexão para que se possa "contribuir efetivamente para que a música, enquanto fenômeno artístico e cultural, faça parte do rico, potencial e democrático universo formativo da educação básica" (idem, p. 73). O trabalho educacional tem de ser consciente, e infelizmente o homem enquanto ser humano caminha em sentido oposto, cada vez mais mecanicista, rumo ao automático, aquele que busca ser um bom profissional deve fugir disso, deve-se transmutar valores e conceitos internos para que o conhecimento possa ser absorvido por ambas as partes na relação alunos professor de uma forma fluída e prazerosa.

A Música na educação infantil

A importância da música independe do contexto ou faixa etária no qual a mesma possa vir a ser trabalhada. No contexto onde desenvolvo minha prática docente com o estágio, vale ressaltar que "trabalhar a música na educação infantil não se restringe ao aspecto musical, mas também aos aspectos cognitivo e motor, o que promove o desenvolvimento do sujeito no todo" (GODOI, 2011, p. 21). Ela contribui de forma integral no que diz respeito à formação de crianças e adolescentes, desenvolve a escuta ativa, o pensamento crítico, estimula a criatividade, entre

muitas outras habilidades e competências. Além de abrir as portas do universo cultural, participa de forma ativa no que diz respeito à transformação da criança ou do adolescente em futuros adultos mais sensíveis, a si mesmos, sensíveis para com seu próximo e com o todo, concordando com Godoi que considera que,

> Na prática escolar, o ensino de música deve ter atenção prioritária, já que falar em ensinar música ou musicalizar é falar em educar pela música, contribuir na formação do indivíduo, como um todo, lhe dando oportunidade de imergir em um imenso universo cultural, enriquecendo sua inteligência através de sua sensibilidade musical. (GODOI, 2011, p. 22).

Deve-se ter claro que o ensino de música não gira em torno do objetivo de formar músicos propriamente ditos, à música cabem diversos outros papeis no mundo da criança, como o incentivo à criatividade e o desenvolvimento da mesma como um todo, sendo o tornar-se musico apenas uma possibilidade se assim a criança desejar, dentre tantas outras, estando isso longe dos principais objetivos da educação musical.

Nesse sentido, o embasamento teórico e didático-pedagógico do professor deve estar de acordo com as capacidades e necessidades dos alunos, assim como a inclusão do meio social/musical do(s) aluno(s) por parte do professor desperto. Os planos e propostas desenvolvidas devem englobar questões multiculturais e a diversidade musical, além da necessidade de inclusão. O plano de aula, a meta e suas variantes devem existir, porém essas devem ser pensadas como um apoio, e esse apoio deve ser aberto as infinitas possibilidades, música é movimento, as práticas no dia a dia também são dinâmicas, possíveis de serem caóticas, porém caóticas não na falta de ordem, mas sim na abertura à infinitas possibilidades, mudanças, ganchos e etc. As necessidades do mundo contemporâneo são amplas e complexas, o que por si só quebra a visão fixa de um plano, de algo fechado ou absoluto, a ser seguido meticulosamente, pelo contrário, ele deveria atuar como uma direção, não como um fim.

Em resumo, o plano deve ser visto como um mapa a ser seguido tendo um objetivo delimitado, porém deve-se ter em mente que o trajeto até o objetivo é rodeado de variantes, e que as mais diversas coisas podem acontecer, nesse aspecto o caos ou a falta de ordem podem ser visto com bons olhos, já que sem algo fixo pode-se recorrer a múltiplas possibilidades, e se é

deveras complexa a ideia de uma verdade absoluta, acerca do todo ou mais específico da educação musical, a falta de ordem é um instrumento impulsionador, é o agente que promove no educador o movimento e a experimentação, o que por conseguinte pode gerar no aluno a dúvida, novamente busca-se aqui ver tais conceitos sob outros prismas, pois, se não existem verdades absolutas, se tudo é mutável e os resultados dependem de um contexto, então a dúvida é benéfica, benéfica pois ajuda a pôr em prática muitos conceitos acadêmicos de forma diferenciada, impulsiona ao teste, ao improviso, gera no aluno e no professor a reflexão, elemento esse tão importante para o ofício.

Com a ajuda de Koellreutter fica mais fácil olhar pra esses elementos (o caos, a falta de ordem, a dúvida), que são vistos de uma forma fixa e pouco compreendidas por uma nova perspectiva.

> Não acreditem em nada do que dizem os livros. Não acreditem em nada do que dizem seus professores. Não acreditem em nada do que vocês veem ou mesmo pensam, e também não acreditem em nada do eu digo. Perguntem sempre por que a tudo e a todos. Tenham uma placa com um 'por que?' bem grande escrito, em cima da cama, para lembrarem-se de perguntar 'por que' logo ao acordar. (Apud BRITO, 2001, p. 34).

Para esse que aqui escreve, Paynter outro grande nome no que envolve os métodos ativos, se fundamenta em três pilares. São esses pilares a experimentação, a improvisação e a música contemporânea com as suas características distintas da música tradicional, ou seja, ambos os pilares em maior ou menor grau visam a falta de ordem, existe um diálogo entres esses pilares, e cada um deles carrega intrinsecamente dentro si, o caos, pois todos trabalham com a desordem, com a dissonância, com a criação, com o experimento e com padrões livres que não pressupõem ordem. Com Paynter se entende que primeiro é preciso viver música, e se educar através dela, do que o foco no desenvolvimento técnico mecânico, "é necessário acima de tudo, educar os sentimentos e despertar a imaginação, para depois desenvolver técnicas e habilidades" (MATEIRO, 2012, p. 266).

É preciso entender que o caos necessariamente precisa existir, pois é daí que surge a ordem, e que um não existe sem o outro, justifico novamente usando Koellreutter onde o mesmo

nos diz que, “organizações complexas surgem em decorrência do caos” (KOELLREUTTER apud BRITO, 2001, p. 36).

Mudando um pouco o foco, deve-se ter em mente que se trata de crianças. Por esse motivo, as atividades devem ser leves e descontraídas, pois criança gosta mesmo é de brincar e o tratamento dos conteúdos devem ser igualmente lúdicos. Porém, os objetivos para o desenvolvimento musical devem estar intrínseco ao ato de brincar, ou seja, é fundamental o planejamento da prática, ainda que lúdica.

Ouso dizer para aqueles que necessitam de elucidação acerca do mundo musical da criança que a brincadeira pertencente à aula de música, no contexto da educação musical infantil, deve estar carregada de uma segunda e uma terceira camada de conteúdos e objetivos musicais delimitados para que aí sim, a musicalização não seja considerada somente brincadeira e/ou distração. Nesta perspectiva, a musicalização assume real sentido, significado e importância na vida daqueles inseridos no processo educativo, crianças, famílias, a escola e a sociedade como um todo.

É inegável e incontável a gama de áreas que a música desenvolve no ser humano em geral, o ensino e aprendizagem da mesma desenvolve capacidades cognitivas, atua direta ou indiretamente em questões que envolvem outras áreas do saber, ou seja, ela é interdisciplinar por natureza, desenvolve a escuta ativa, o raciocínio e o pensamento crítico, a reflexão acerca da música e do todo.

O Relato de experiência

A experiência de atuar na educação infantil tem sido totalmente nova para mim, uma lacuna identificada por esse que escreve e que recentemente se propôs a atuar nesse contexto para que pudesse diminuir a distância para com o ensino de crianças. Para que se fizesse concreta a tentativa de transcender o abismo que existia entre minha formação e o ensino infantil.

Mostrando-se como um desafio, existia em mim também um distanciamento com as disciplinas pedagógicas. Além de não me identificar com a forma como eram abordadas algumas dessas disciplinas, sabia que teria muita dificuldade quando trabalhasse com a educação infantil,

sabia da lacuna existente, e me propus à preenche-la. Dado o desafio, logo percebi que teria de me adaptar a esse contexto e que a abordagem teria de ser totalmente diferente ao que já pratiquei em outros contextos, em parceria com a professora regente e com base nos trabalhos já desenvolvidos por ela.

Neste contexto, segui o modelo de aula proposto pela professora de música da Escola, estruturado em momentos. Assim, cada aula era dividida em cinco momentos com atividades curtas, tendo como base o tempo de atenção que uma criança tem. O modelo consiste em: 1º momento de chamada e acolhimento musical, englobando também aquecimento físico e vocal; 2º e 3º momentos destinados ao tema específico da aula, seja ele exposto de através de um jogo, de uma atividade lúdica e normalmente com mais movimento. Vale lembrar que comumente esses dois momentos são recheados de vivências musicais; o 4º momento busca desenvolver atividades ligadas ao movimento corporal, ao ritmo, aos jogos musicais e cantigas de roda e/ou infantis; por último, no 5º momento faz-se um relaxamento desenvolvendo-se a apreciação de obras musicais.

Nunca tive de forma acentuada a troca de aprendizagens entre aluno/professor como agora, e quanto mais adentro no mundo da criança, e quanto mais levo música comigo mais me encanto. As demonstrações de carinho, respeito e amor por parte dos alunos são constantes. Vale ressaltar também a importância e o uso de métodos ativos de educação musical para o planejamento das aulas. Segundo LACANALLO (s.d., p.2), aqui entende-se por método:

> métodos significa caminho para chegar a um fim; (...) sistema educativo ou conjunto de processos didáticos", chegando ao conceito de que métodos de ensino e de aprendizagem são "um caminho para se chegar ao objetivo proposto. (Apud SANTOS, 2016, p. 3).

Os métodos ativos de "educação musical foram desenvolvidos em vários países na primeira metade do século XX e difundidos no Brasil a partir da década de 1950" (SANTOS, 2016, p.1), surgiram "como resposta a uma série de desafios provocados pelas grandes mudanças ocorridas na sociedade ocidental na virada do século XIX para o XX" (FONTERRADA, apud SANTOS 2016, p. 3), o que contribui e muito para uma nova visão acerca do ensino de música. Temos,

pelas palavras de Figueiredo (2012, p. 85) os seguintes dizeres que reforçam essa quebra de paradigmas e conceitos ultrapassados:

> O que grande parte das propostas desenvolvidas no século XX apresentam em comum é a revisão dos modelos de ensino praticados em períodos anteriores, ou seja, aqueles modelos de educação musical que focalizavam a formação do instrumentista, reprodutor de um repertório vinculado a uma tradição musical, a partir de concepções fortemente arraigadas na questão do talento e do gênio musical. Naquela perspectiva do passado, o fazer musical estaria relacionado a um grupo de pessoas talentosas, assumindo uma postura exclusiva, na qual grande parte dos indivíduos estaria impossibilitada de se desenvolver musicalmente. (Apud SANTOS, 2016, p. 3).

Porém mudam-se as décadas, muda-se o homem, sua forma de pensar e muda-se também os métodos. Vale, ainda, ressaltar que esses métodos devem ser utilizados pelos docentes despertos como propostas, abordagens ou ideias a serem exploradas, modificadas e ampliadas de acordo com a necessidade de quem as aplicam e recebem, o que segue em oposto a algo estático e dogmático a ser seguido com uma receita ou plano infalível. Métodos como Paynter, Schafer, Orff, entre outros, possuem uma abordagem que mais se parece com o mundo contemporâneo, englobando, no caso da educação infantil, elementos como o brincar, o movimento, a improvisação, a experimentação, a relação mais pessoal com os sons e silêncios do mundo moderno e a liberdade criativa por exemplo.

As propostas dos métodos ativos, e o pensamento por trás desses métodos muito se relacionam com o que tenho visto, apesar do pouco tempo em exercício; a linguagem é diferente, logo a forma como o conteúdo chega às crianças é diferente, é bastante prático, os conceitos ou a teoria, quando aparecem, dependendo da faixa etária, aparecem de forma elementar, se trabalha determinado conteúdo que é intrínseco à proposta prática. Segundo Snyders (1997, p.27):

> os métodos modernos da pedagogia musical estão absolutamente corretos ao propor atividades de escuta ativa, não somente para evitar que os alunos, se não tiverem nada de preciso a fazer, conversem ou se evadam da aula através de devaneios, mas por que faz parte da natureza da obra musical despertar uma admiração ativa: o objetivo da escuta ativa não é chegar a uma espécie de êxtase teológico, mas despertar emoções controladas, que integrem a alegria ao

> conjunto da pessoa, tanto na sua sensibilidade quanto na sua compreensão. (Apud GODOI, 2011, p. 23).

De volta ao âmbito do contexto no qual me insiro, percebo que meus alunos compreendem muito mais o que é uma paisagem sonora, por exemplo, executando-a que buscando entender o que de fato o conceito tenta explicar. Com a experiência, apesar do ainda pequeno contato com a sala de aula e independente do contexto, vê-se a necessidade do pensar musical por parte do professor. Trata-se de um jogo alquímico, onde se deve buscar a transmutação da matéria escura (a teoria, os conceitos acadêmicos e etc.) em ouro, valioso e reluzente (na prática, no fazer musical e na vivência direta e real), com coerência, que faça sentido e que tenha um valor real para aqueles que nesse contexto se inserem. Para Nogueira (2003, p. 01) citada por Godoi (2011, p. 17): "A experiência musical não pode ser ignorada, mas sim compreendida, analisada e transformadas criticamente".

O contato direto com a educação musical infantil despertou em mim áreas antes inexploradas, áreas na qual eu não enxergava de forma clara, me faltava sentido. Eis que depois de poucas atuações no contexto infantil e com a experiência proporcionada pela prática, houve mudanças internas no que diz respeito ao todo da educação musical, às disciplinas pedagógicas, aos minicursos com base na educação musical e etc. Acredito que, a partir de agora, meu aprofundamento nas questões que rodeiam esse contexto será bem mais satisfatório e enriquecedor. Em suma, a experiência tem sido totalmente edificante, as crianças possuem uma alegria e uma espontaneidade única.

Considerações

Com o início do próximo semestre letivo no Curso de Música, do acompanhamento e orientações no seguinte projeto, a entrada da professora que aqui me orienta, são exemplos de mudanças muito benéficas e a luz acerca de orientações e melhorias no trabalho dos futuros discentes, antes embotada, ascende novamente. A realidade das escolas por vezes é obscura, exigente e exaustiva, porém com todas essas mudanças, o aperfeiçoamento pessoal, a busca e o

interesse, tenho fé que com árduo trabalho o estado tem muito a crescer com o ensino de música.

Quanto ao trabalho com as crianças, tudo começou com um desafio próprio, um romper de barreiras imposto por mim e direcionado a mim mesmo, e desde o inicio tem sido uma experiência edificante, cercado com a ajuda que atualmente tenho recebido do corpo docente da universidade e da professora regente. Esses fatores têm tornado a caminhada agradável e mais fácil. Termino esse relato feliz por fazer parte desse meio e esperançoso com a base que se constrói acerca da educação musical no estado.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. Música na Educação Infantil – Propostas para a Formação Integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador*. 2º ed. São Paulo: Peirópolis, p. 31-37, 2011.

GODOI, Luis Rodrigo. A Importância da Música na Educação Infantil. Londrina, 2011.

MATEIRO, Teresa. John Paynter: a música criativa nas escolas. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). Pedagogias em educação musical. Curitiba: InterSaberes, p. 259-271, 2012.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica. Música na educação básica. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. ISSN 2175 3172.

SANTOS, Nadma Islane Oliveira. "Métodos Ativos" no Curso de Musicalização do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez. In: XVII Encontro Regional Sul da ABEM. Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical, Curitiba. 13 a 15 de outubro de 2016.